

O Patológico

Maio - 1994

Ano 31, Número 2

EDITORIAL

Eleição Superintendência - Pg. 2

Fim do Convênio UNICAMP-Paulínia - Pg. 2

OMBUDSMAN

Pg. 3

Guilherme Fonseca Serpa (XXVIII)

Linderberg Da Mota Silveira Filho

COORDENADORIAS DO CAAL

À Quantas Andamos - Pg. 4

Michel M. Vieira (XXXI)

Coordenadoria de Cultura

Movimento Estudantil, Acadêmicos de Medicina e o CAAL - Pg. 4

Zélia Vieira de Moraes (XXX)

Coordenadoria de Ensino

Informativo Coordenadoria de Ensino - Pg. 5

Zélia Vieira de Moraes (XXX)

Geralzona EREM (Tem Coisa Nova e Boa No Ar) - Pg. 6

Priscila Ribeiro Huguet (XXXI)

Homenagem - Pg. 6

Biblioteca do CAAL - Pg. 7

Alicia Juliana Kowaltowski e Juliana Pereira Torquato (XXX)

Balancete Abril - Pg. 8

Fábricio Teno C. Braga

Coordenadoria de Finanças

ENSINO MÉDICO

Educação Em Vista de Um Pensamento Livre - Pg. 9

Albert Einstein

Esclarecimentos Sobre Paulínia - Pg. 9

Brahma e Zélia (XXX)

ESPAÇO ABERTO

Para Criticar É Preciso Participar - Pg. 12

Associação Atética Acadêmica Adolfo Lutz

Ética e o Papel do Médico na Sociedade - Pg. 14

Leonardo Fantinato Menegon (XXX)

"Humanizar a Vida é Também Humanizar o Último Momento da Vida, a Morte" - Pg. 15

Andréia e Priscila (XXXI)

Errata ao Calouro Bilau - Pg. 16

José Ademar et al (R1 Oftalmo)

Coordenadoria do CAAL

Coordenadoria Geral

Leonardo Fantinato Menegon (Leo) - XXX

Finanças e Patrimônio

Ivander Bastazini Jr. - XXVIII

Fábricio Teno Castilho Braga - XXVIII

Luiz Carlos Felício Jr. (Coronel) - XXVIII

Coordenadoria Científica

Newton César de Freitas - XXVII

Renato Zocchii Torresan (Alemão) - XXVII

André Ricardo (Boca) de Freitas - XXVII

Fábio Luís Salata - XXVIII

Gustavo Cortes Vieira (Gordo) - XXIX

Imprensa e Divulgação

Maria Fernanda C. R. Campos - XXX

Juliana Pereira Torquato - XXX

Priscila Ribeiro Huguet - XXXI

Marcos Antonio dos Santos - XXXI

Ensino

André Ricardo (Boca) de Freitas - XXVII

Carlos F. da Silva Cais - XXVII

Gustavo Cortes Vieira (Gordo) - XXIX

Zélia Vieira de Moraes - XXX

Andréia V. Faria - XXXI

Cultura

Michel M. Vieira - XXXI

Maristela S. Spanghero - XXXI

Fernanda L. Andrade - XXXI

Social

Luiz Carlos Felício (Coronel) - XXVIII

Alex Gonçalvez - XXXI

Priscila R. Huguet - XXXI

Fernanda L. de Andrade - XXXI

Luciahelena M. Pacheco Prata - XXXI

Informática

Newton C. de Freitas - XXVII

Renato Z. Torresan (Alemão) - XXVII

Gustavo B. Fraguas - XXIX

Juliano de Lara Fernandes - XXXI

Relações Externas

Juliana C. Shiguematsu - XXVII

Juliana P. Torquato - XXX

Alex Gonçalves - XXXI

EDITORIAL

**ELEIÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA:
REAVALIAÇÃO DO
APOIO DO CAAL A
UM CANDIDATO**

Na reunião ordinária do dia 25 de abril, após os debates com os três candidatos a Superintendência do H.C., os membros do CAAL reunidos analisaram o conteúdo das propostas e discutiram a respeito de duas perguntas formuladas: O CAAL deve apoiar algum candidato? Se sim, qual?

Da discussão resultou duas respostas: sim, Prof. Gamba. Após esta decisão, houve divulgação aos alunos de um INFORMATIVO no qual explicitávamos a posição tomada e o motivo dela.

O principal motivo que levou ao apoio a um dos candidatos foi o de que havia dentre os três, um que, no modo

de entender dos membros do CAAL, se destacava pelo conteúdo de suas propostas (como destacado em letras maiúsculas no informativo).

Após a divulgação do informativo, alguns alunos manifestaram-se criticamente, enquanto outros manifestaram-se concordantemente. A oposição de idéias girava em torno de dois aspectos englobados por um Centro Acadêmico: 1) representação dos alunos pelo CA e 2) o CA como centro propagador de idéias e posições políticas apartidárias. Este texto se presta a expor a reavaliação de nossa conduta, fato que se deu após as manifestações dos alunos e, de forma alguma, é motivado pela vitória de um outro candidato, que não o apoiado.

Quanto ao primeiro item englobado por um CA, houve por parte do CAAL um equívoco. Apesar de haver um candidato que na opinião do CAAL se destacasse (e por mais evidente que fosse esse destaque entre os alunos também), o CAAL, para cumprir eficientemente seu papel de representatividade, deveria ter realizado uma consulta entre os alunos através de uma assembléia geral, que se prestaria a discutir tal assunto. E, se nessa assembléia geral fosse tomada, pelos maioria dos alunos presentes, uma decisão favorável ao apoio, o CAAL teria o papel de propagador desta decisão política.

Quanto ao segundo item, é preciso deixar bem claro que o CAAL é um órgão político, como reza seu estatuto, sendo que há uma restrição que se faz quanto a seu campo de ação:

que ele não seja partidário. Este apoio de forma alguma revela vínculos partidários, mas revela em todo o seu conteúdo uma atitude política, sustentada na opinião unânime dos membros presentes à reunião ordinária de que havia um candidato com propostas que se sobressaíam em relação às dos outros candidatos.

A síntese da reavaliação que se fez a respeito do apoio é basicamente o seguinte: o CAAL não errou por se posicionar favoravelmente a um candidato, mas sim portê-lo feito sem uma consulta prévia junto aos alunos. Portanto peca em representatividade, mas de forma alguma como órgão político e propagador de idéias políticas apartidárias.

Se faz necessária esta análise crítica, pois nos reconhecemos humanos que erram e que a partir dos erros buscam o aprendizado e o aperfeiçoamento.

**FIM DO CONVÊNIO
UNICAMP-Paulínia**

Foi anunciado no início de maio pela prefeitura de Paulínia o fim do interesse daquela em continuar com o convênio estabelecido com a FCM-Unicamp. Este convênio foi criado no ano de 1972 por alguns docentes da Unicamp, com o principal intuito de aproximar os alunos da faculdade de Medicina à realidade do atendimento primário e de um hospital secundário, diferentemente do que acontecia anteriormente,

O Patológico

Órgão Informativo do Centro Acadêmico Adolfo Lutz

Coordenador Geral
Leonardo Fantinato Menegon - XXX

Coordenadores de Imprensa e Divulgação
Juliana (XXX), Fernanda (XXX),
Priscila (XXXI), Marcos (XXXI)

Edição e Diagramação
Comissão de Informática do CAAL

Tiragem: 1000 exemplares

Aceitação de artigos até o dia 10 de cada mês. Os artigos devem ser entregues no CAAL ou aos Coordenadores de Imprensa.

Rua Roxo Moreira s/nº
Cidade Universitária Zeferino Vaz
Campinas - SP

onde os alunos só tinham contato com um hospital universitário de características terciárias.

Contrariando todas as instabilidades que um convênio como este oferece, decorrentes da própria instabilidade política (mudança de prefeitos) ou de problemas gerenciais, o acerto entre a Prefeitura de Paulínia e a FCM-Unicamp durou 22 anos. Mas na prática, o que era este convênio?

Este convênio era constituído de "estágios" aplicados a alunos de 5º e 6º anos e alguns dias a alunos do 4º ano que passavam pela Pediatria para ter Semiologia Pediátrica.

Os alunos do 5º ano passavam pelo Posto de Saúde estagiando nas áreas de: Clínica Geral, Pediatria e Ginecologia, e davam plantões no Hospital Municipal. Já os do 6º ano passavam 30 dias úteis no Hospital Municipal estagiando nas seguintes áreas: Enfermaria de Clínica, Pediatria, Clínica Cirúrgica, Ginecologia e Obstetrícia, Centro Cirúrgico e Pronto Socorro.

Apesar das muitas críticas feitas pelos alunos, este convênio existia e prestava-se a seu objetivo. Não cabe a este texto levantar as críticas, mas sim informar a presente situação e estimular o pensamento na direção da busca de uma resposta à seguinte pergunta: quais as alternativas para substituir a lacuna surgida com o fim do convênio Paulínia-Unicamp?

Existe uma cláusula no contrato que diz que após a divulgação do desinteresse de uma das duas partes pela continuação do convênio, este ainda continua a existir por mais

um ano, justamente para que se encontre uma alternativa que solucione seu término.

Mas desde já se iniciou uma discussão entre Comissão de Ensino, Comissão de Internato e CAAL para que se encontre o mais breve possível uma alternativa viável. Já foi enviado pela Comissão de Ensino e de Internato ofício ao diretor, solicitando que submeta à Congregação o pedido de apoio para que se viabilize a restruturação do projeto, resguardando e aprimorando suas características de adequação ao ensino médico.

Cabe a nós alunos também participar deste processo - pois se trata de uma decisão que afeta diretamente o nosso ensino - discutindo e propondo alternativas que visem solucionar este impasse.

O CAAL está a sua disposição para melhor informar-lhe sobre o assunto e sobre as novidades que surgirão, assim como para ouvir suas sugestões e propostas para que elas possam ser levadas as reuniões que tratarão deste assunto, para que esta decisão esteja também de acordo com os interesses dos alunos.

Ombudsman

Guilherme Serpa XXVIII

Apresentação

O CAAL e "O Patológico" agora terão a figura do ombudsman. Para esta tarefa, fomos indicados, eu e mais um

aluno, Lindemberg (ICE) também do 5º ano. Decidimos assumir o cargo em dupla pois nossa experiência no jornalismo é praticamente inexistente. O único fator que nos credencia é já termos sido membros do CAAL, da Comissão de Ensino e da Congregação, e não fazermos parte da atual gestão.

Caso alguém não saiba, a função do ombudsman é ser um crítico interno do Jornal, promovendo um feed-back de opiniões sobre artigos, editoriais ou posições do mesmo.

Gostaria de salientar que as críticas serão feitas como estímulo construtivo da discussão acadêmica; as próprias críticas são passíveis de discussão.

Teremos mandato de 1 ano e não poderemos ser demitidos no período.

Eleição Para Superintendente

É muito preocupante a posição que o CAAL tomou por ocasião da consulta para o cargo de Superintendente.

O C.A., através de ampla panfletagem, apoiou as propostas de um dos candidatos. Não é o fato de apoiar este ou aquele candidato que preocupa, mas o apoio em si. Em outras épocas, quando o C.A. era gerido por chapas da oposição a atual, este tipo de atividade era amplamente criticado por pessoas da atual gestão.

Tanto é que se tornou a chapa/filosofia "Chega de Enrolação e POLITICAGEM" - em destaque, para relembrar -

que se opunha ao fato de brigas externas ao C.A. prejudicarem sua atuação. Nossa idéia era que brigas entre PT x PC doB, PDT x PFL ou Gamba x Jacinto x Zambroni não receberiam apoio do CAAL para nenhum dos lados. Parece que nossos sucessores se esqueceram disto, e voltaram com à politicagem.

Como se sentem, como orgão representativo dos alunos, tendo apoiado um candidato que não foi vencedor entre os alunos? No mínimo, não foi representativo.

Quem o CAAL vai apoiar agora para Presidente, Governador ou Deputado? Seguindo o mesmo raciocínio, o C.A. deveria estudar as propostas de todos, escolher a melhore sair panfletando. Afinal de contas, é mais uma eleição. PS: Todo o disposto acima não tem nenhum propósito contra as propostas do prof. Gamba, que, aliás, achei ótimas. São contra a atitude do CAAL.

Calouro Bilau

- O 2º ano é a única turma que, por não ter quase nada para fazer na faculdade, exceto Neurofisiologia, pode ficar o tempo todo preocupado em integração com os calouros.

- A "galeria de gênios da 32º" por enquanto só provou que consegue passar num vestibular de qualidade discutível. Depois da Neurofisiologia, da Semiologia, da Hematologia, da Neurologia... veremos o que sobrou de genialidade e o que aumentou de humildade.

- Não odeie a PUCC à toa. Isto

é uma atitude inferior. E você tem sorte de nem na Interméd passar a ter motivos para odiar algumas pessoas daquela escola. Afinal de contas, eles nem vão. Além disso, as pessoas daquela faculdade que merecem nosso desprezo - que é para tais por que odiá-los - são minoria lá dentro.

- Não se preocupe, pois ser calouro é uma síndrome auto-limitada e com o tempo você melhora.

o que a imaginação do futuro médico - tão pouco exigida no curso - deixa fluir.

Por outro lado, contamos com dois grupos de teatro formados por alunos, que se reúnem semanalmente no estúdio do Departamento de Multimeios, no Instituto de Artes - uma ampla sala isolada, com topografia e acústica perfeitas para os ensaios. Um dos grupos se reúne há mais de um ano e está em elaboração final da peça "O Inspetor Geral", de Gogol. O grupo novo conta com gente do segundo ano e dois calouros. É que está difícil para o teatro competir com a anatomia nos almoços de quinta-feira.

Existe ainda um projeto de cooperação cultural entre o CAAL e outros centros acadêmicos, como o CAECO, da Economia, mas isso já é assunto para o futuro.

Coordenadorias do CAAL

A QUANTAS ANDAMOS

Michel M. Vieira
Coordenadoria de Cultura

A atual gestão do CAAL tem como uma de suas diretrizes fazer com que os alunos da Medicina "acordem" para a cultura. A coordenadoria da área trabalha atualmente com dois projetos, a saber:

Já nesta edição d' "O Patológico" sai encartado o "Espasmo", um espaço aberto especificamente para as manifestações artísticas dos alunos do curso. A proposta é expandir o encarte numa revista a sair esporadicamente, com circulação paga. Fica então registrado que, daqui em diante, "O Patológico" ganha um suplemento com crônicas, poesias, artigos, desenhos e tudo

MOVIMENTO ESTUDANTIL, Acadêmicos de Medicina e CAAL

Zélia XXX

O movimento estudantil define-se como aquele no qual acadêmicos se organizam com o objetivo comum de lutar pelos seus direitos dentro da universidade e fora dela, enquanto alunos e cidadãos. E assim exercendo sua cidadania conquistam seus espaços tanto na sua escola quanto na sociedade.

Nós, acadêmicos de Medicina,

temos o direito e a obrigação de nos organizarmos e exigirmos, por exemplo, que o sistema de saúde no Brasil funcione, afinal seremos inseridos nele em breve e é digno que tenhamos melhores condições de trabalho bem como a população tenha a seu dispor melhor qualidade de serviço. É fundamental que apontemos as falhas de ensino e estrutura que encontramos na nossa faculdade e lutemos para eliminá-las, para dessa forma atingirmos níveis cada vez mais elevados (e assim nos tornemos profissionais diferenciados). Em decorrência dessa organização surge o CAAL cujo papel é nos representar.

Mas para sermos efetivamente representados pelo CAAL, temos que participar, pois nosso papel é fundamental dentro desse processo. Ao nos depararmos com o que possa representar um problema devemos relatá-lo e fazer com que chegue ao Centro Acadêmico. Vá às reuniões, traga opiniões, enfim, a palavra de ordem é participação, pois o CAAL somos todos nós. Trata-se de um espaço aberto onde todos podemos discutir a pauta de nosso interesse e com isso o benefício será revertido para todos, e assim, cresceremos e enriqueceremos cada vez mais nesse processo.

No momento, no país em que vivemos é fundamental que sejamos mais ativos e participativos para sobrevivermos e neste contexto que encontramos o CAAL e o Movimento Estudantil. Sobretudo, jamais nos esqueçamos que um grão de areia não faz um deserto.

INFORMATIVO COORDENADORIA DE ENSINO

Zélia (XXX)

No VI Congresso Brasileiro dos Estudantes de Medicina, realizado em Porto Alegre foi criada a Rede DENEM de Informação que servirá para a troca de experiências entre estudantes de Medicina de todo Brasil.

Está sendo montada uma Central Bibliográfica contendo currículos de cursos de Medicina, experiências de avaliação, reforma curricular, integração do sistema de saúde, relatos, opiniões, enfim, tudo possível que possa ser compartilhado. E o fundamen-

tal disso é que todos os alunos terão acesso a essas informações. Caso estejam interessados, venham ao CAAL e se cadastrarem na Rede. Uma vez cadastrados, vocês receberão em suas casas periodicamente informativos contendo um resumo do material.

Além de ter acesso livre ao acervo, vocês poderão participar mandando materiais que julgarem pertinentes. Para isso, busquem auxílio do CAAL e mostraremos como fazer. Adote essa idéia, será útil para todos.

Hospitalar 94

O ENCONTRO DA TECNOLOGIA COM O MERCADO

De 14 a 17 de junho de 1994 você poderá ver o que há de novo em tecnologia e produtos para a área hospitalar.

Nesta data, estará acontecendo em São Paulo, no Pavilhão de Exposições da Bienal, a Hospitalar 94 - Feira Internacional de Produtos, Equipamentos e Serviços para Hospitais e Estabelecimentos de Saúde.

Reunindo cerca de 400 expositores, a feira vai mostrar os mais recentes lançamentos da indústria fornecedora, a um público profissional, formado por administradores de hospitais, médicos e profissionais da área da saúde de toda a América Latina.

SAÚDE EM DEBATE

Simultaneamente à Hospitalar 94 estará acontecendo o Congresso Latino-Americano de Serviços de Saúde, que vai debater a adequação tecnológica dos serviços da saúde para a América Latina. O encontro se realizará no Auditório da Bienal, Parque Ibirapuera nos dias 15 a 17 de junho e terá a participação de palestrantes brasileiros e estrangeiros.

INTERESSADOS EM PARTICIPAR, CONTACTAR O CAAL QUE ORGANIZARÁ UMA EXCURSÃO AO EVENTO.

**GERALZONA
EREM (TEM COISA
NOVA E BOA NO
AR)**

Priscila (XXXI)

Durante os dias 15, 16 e 17/04 desse ano, fomos “abençoados” com uma **maravilhosa** viagem à Curitiba. Tratou-se do 1º EREM (Encontro Regional dos Estudantes de Medicina) que reuniu 24 faculdades do Paraná e de São Paulo constituindo a Regional Sul II da DENEM (Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina). Essa regional tem o maior número de escolas integradas, visando a maior participação nas atividades políticas e estudantis ao nível nacional.

Todos aproveitaram, porque rolou de tudo: festas, palestras, mesas redondas, turismo, mordô...

A primeira felicidade foi quando nos deparamos com os alojamentos na UPT, Universidade Popular do Trabalho. Estábamos acostumados à zona que rolava em esquemas ECEM/INTERMED, onde nós ocupávamos cada milímetro das salas de aulas, garagens, etc. Nem pudemos crer que havia uma ala feminina e uma masculina (para infelicidade de muitos) e quartos com dois beliches, às vezes armários, banheiros limpos e com a água quente. Muita mordô!

O encantamento não parou aí (aliás, foi só a pontinha do iceberg). Qual não foi a nossa surpresa quando vimos que não fomos a um reles bandejão, mas a um verdadeiro refeitório, já

que comemos em pratos (!) e, inacreditavelmente, a comida tinha gosto de comida!

No dia 15 o Jason, coordenador geral do DANC (Diretório Acadêmico Nilo Cairo), da UFPR, e o Fábio J. Beites, coordenador da Regional Sul II (a nossa, por sinal), iniciaram o debate. O assunto foi “Ética e Papel do Médico na Sociedade”, muito válido pois constatamos que há pessoas bem consideradas que têm as mesmas questões que nós.

Fora isso, nesses três dias, demos uma de turistas e fomos ao Jardim Botânico, à Ópera de Arame, à Rua 24 Horas (à noite, é claro), passamos pela Torre do Telepar, e antes de, cabisbaixos, abandonarmos tudo isso, nos fartamos na rua Santa Felicidade, pois fomos a um rodízio de massas, carnes, acompanhamentos, vinho e refres a vontade. A gente saiu biniiiito para a Rodô.

Voltando à sexta (dia 15), à noite fomos a uma festa no DANC, um prédio de 5 andares, com restaurante, salão de festas, um andar só para galera da informática. Igualzinho ao nosso mui amado CAAL!

No sábado, rolou uma mesa redonda tratando de ensino médico e da CINAEM (Comissão Institucional Nacional de Avaliação de Ensino Médico).

Após o almoço, houve outra mesa redonda, tratando do movimento estudantil da Medicina (a própria DENEM).

À noite, DANC outra vez. Teve pagode e Prata da Casa!*

Fizemos uma musiquinha cômida que a galera

que conseguiu ouvir gostou.

Finalizando, no domingo assistimos à apresentação dos projetos de extensão (como por exemplo a idéia de auxiliarmos a rede básica, ainda que como “assistentes sociais”).

* Melô do EREM, pela galera que estava lá.

Tema: Falsa Consideração

Agora eu sei que nesse EREM que a gente se encontrou
Nossa galera logo se entrosou
Mas eu ainda não comi ninguém
Mas não faz mal
Aqui no DANC eu fiquei bem legal
Bebi à vera e estou passando mal
Mas isso não baixou meu astral
Mas tudo bem, mas tudo bem
Pois em agosto lá vem o ECEM
E com certeza eu vou comer alguém
Vou dar um trato no esculápio
E aí, aí, aí
Você vai perceber que eu estou numa boa
(Tô comendo uma caloura)
Em toda a minha vida eu não comi ninguém
Que soubesse chupar meu esculápio tão bem!

**ELEIÇÃO PARA
DIRETOR DA
FCM**

**Dias 22 e 23 de
Junho**

INFORME-SE

HOMENAGEM**CENTRO ACADÊMICO ADOLFO LUTZ**

Dentre os alunos medicina, uma aluna destacou-se cientificamente no ano passado, ao ganhar o prêmio de jovem cientista do ano oferecido pela Fundação Roberto Marinho E CNPQ com o tema Controle de Endemias.

DENISE DELFINO REZENDE, queremos parabenizá-la pelo excelente trabalho sobre “Identificação e pesquisa de focos de esquistossomose na região do Jd. São Marcos”.

Que seu sucesso estimule você e outros alunos a procurarem nos múltiplos campos da ciência conhecimentos complementares ao aprendizado acadêmico.

Nota: Ironia do destino ou não a nossa homenageada não conseguiu renovar a Bolsa no SAE para dar continuidade ao trabalho.

BIBLIOTECA DO CAAL

Alicia Juliana Kowaltowski - XXX

Juliana Pereira Torquato - XXX

Como é de conhecimento de todos, o CAAL tem uma biblioteca. Mas poucas pessoas já se detiveram tempo suficiente em frente a suas prateleiras para se dar conta da existência de riquezas ocultas. A título de exemplo, separamos algumas pérolas do acervo:

- Society Cocaína - Percival de Souza
- Plantas com Flor - M. Orieuse et al
- Divórcio para o Brasil - Dilson Ribeiro
- Ginástica para a Mulher Moderna - Formas Perfeitas num Corpo Ideal - Nair Fischer
- A Vaca do Nariz Sutil - Campos de Carvalho
- O Vale Amazônico no Futuro do Mundo - Antônio Espírito Santo
- Os Vencedores da Fome - Paul de Kruij
- Regras oficiais de natação, saltos ornamentais, polo aquático e natação sincronizada
- Problemas sobre Teoria dos Preços - Clares Lee Allen
- O Escorpião de Numância - Renata Pallottini
- Cybernetics Within us - Gelena Saparina
- Elementos de Matemática para Economistas e Estatísticos - W.L.Crum
- A Poltrona Cor de Ouro Pálido - Alida Malkus
- Não Fique na Fossa - Frank Cheavens
- Caçadores de Imagens no Alaska - Lois Crisler
- Quiém Ayudó a Hitler - J. Maiski
- A Arquitetura Contemporânea Polonesa - Bohdan Lisowski
- Antologia Brasileira da Árvore - Maria Thereza Cavalheiro
- A Vida Sexual dos Solteiros e Casados - Pe. João Mohana
- As Causas da Próxima Guerra Mundial - Wright Mills
- Don Gil das Calças Verdes - Tirso de Molina
- Guidance and Control Of Spacecraft - Edward Hymoff
- Introdução à Paleontologia Geral - José Camargo Mendes
- Isabel Quis Valdomiro - Maria Isabel Silveira
- Além do Nascimento e da Morte - Sua Divina Graça A.C.Bhaktivedanta

Todos os livros citados, assim como os demais livros do acervo, estão à disposição para serem retirados.

BALANÇETE ABRIL/94 - CAAL

Fábrício Teno C. Braga
Coordenadoria de Finanças

- | | | | |
|--|------------|---|----------------|
| - Despesas com transportes | 12.000,00 | - Despesas com encargos bancários | 5.985,11 |
| - Despesas com assinatura revista | 18.000,00 | - Receitas extras | 11.800,00 |
| - Despesas com chaveiro | 2.000,00 | - Receitas UNE | 239.913,00 |
| - Despesas com EREM/94 | 432.900,00 | - Receitas Aluguéis..... | 761.699,87 |
| - Despesas com Chopada | 242.500,00 | - Receitas juros aplicações..... | 622.791,00 |
| - Despesas com Xerox..... | 18.360,00 | | |
| - Despesas com copa | 60.283,00 | | |
| - Despesas com Calourada (Notas) | 79.000,00 | | |
| - Despesa compra do tel. (linha 39) 1.694.000,00 | | | |
| - Despesas com cartórios | 33.100,00 | | |
| - Despesas com Encontro dos "LÉOs" ... 35.000,00 | | | |
| - Despesas com Deptº Pessoal | 233.000,00 | | |
| | | DEMONSTRATIVO | |
| | | - Saldo inicial..... | 1.709.299,00 C |
| | | - Total despesas..... | 2.864.138,10 |
| | | - Total receitas..... | 1.636.203,87 |
| | | - Saldo em caixa..... | 481.364,00 C |

Ensino Médico

EDUCAÇÃO EM VISTA DE UM PENSAMENTO LIVRE

Albert Einstein

Não basta ensinar ao homem uma especialidade. Porque se tornará assim uma máquina utilizável, mas não uma personalidade. É necessário que adquira um sentimento, um senso prático daquilo que vale a pena ser empreendido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. A não ser assim, ele se assemelhará com seus conhecimentos profissionais, mas a um cão ensinado do que a uma criatura harmoniosamente desenvolvida. Deve aprender as motivações dos homens, suas

quimeras e suas angústias para determinar com exatidão seu lugar exato e relação a seus próximos e à comunidade.

Estas reflexões essenciais, comunicadas à jovem geração graças aos contactos vivos com os professores, de forma alguma se encontram escritas nos manuais. É assim que se expressa e se forma de início toda a cultura. Quando aconselho com ardor “As Humanidades”, quero recomendar esta cultura viva, e não um saber fossilizado, sobretudo em história e filosofia.

Os excessos do sistema de competição e de especialização prematura, sob o falacioso pretexto de eficácia, assassinam o espírito, impossibilitam qualquer vida cultural e chegam a suprimir os progressos nas ciências do futuro. É preciso, enfim, tendo em vista a realização de uma educação perfeita, desenvolver o espírito crítico na inteligência do jovem. Ora, a sobrecarga do

espírito pelo sistema de notas entrava e necessariamente transforma a pesquisa em superficialidade e falta de cultura. O ensino deveria ser assim: quem o receba o recolha como um dom inestimável, mas nunca como uma obrigação penosa.

ESCLARECIMENTOS SOBRE PAULÍNIA

BRAHMA E ZÉLIA (XXX)

A entrevista a seguir foi realizada no dia 11 de maio de 1994, na sala de reuniões da Superintendência deste hospital. Ela tem por objetivo esclarecer os alunos desta faculdade, principalmente aqueles que estão mais distantes da FCM, a respeito do rompimento do convênio que a UNICAMP tinha com a Prefeitura Municipal de

Paulínia.

Foram entrevistadas:

- Maria da Graça Garcia Andrade (Medicina Preventiva);
- Elizete Tomazi (Pediatra);
- Sílvia Maria Santiago (Preventiva - Diretora da rede até janeiro).

- Como e quando começou o convênio da UNICAMP com Paulínia?

Drª Graça: O convênio é datado formalmente de junho de 1971. Foi feito nos moldes daqueles que se faziam entre a Secretaria Estadual de Saúde com as Universidades, para que se desenvolvessem Centros de Saúde escola. Ele foi surpreendente desde o seu início, pois foi o 1º, e um dos únicos que envolveu a Prefeitura do Município, e isso é uma diferenciação, porque geralmente quem detinha a discussão sobre saúde era o estado, eventualmente o nível federal, e a universidade. Isso foi quase que um germe de uma participação municipal, que agora vai se estruturando na política de saúde, e a municipalização de saúde tem se tornado cada vez mais real. O convênio é de Junho de 71, mas se tornou efetivo em 1972, com o início das atividades num postinho de puericultura, mas só no final de 1973 é que houve a inauguração do Centro de Saúde Escola. 10 anos depois, em 1983, surgiram outras unidades de saúde no município, com iniciativa da prefeitura e da Unicamp. Hoje há 4 unidades. Em 1985, se inaugurou o Hospital Municipal de Paulínia, de nível secundário, que foi uma

construção do município, mas desde o seu início com a participação muita ativa da universidade, na tentativa de evitar que o hospital fosse uma fundação, ou privatizado. A Unicamp conseguiu que ele fosse uma extensão do convênio do MEC com o Ministério de Previdência e Assistência Social, e havia a perspectiva de que ele fosse um hospital secundário com internato, com uma presença forte de docentes e internos, e na perspectiva, de que, inclusive, não houvesse residência lá, para que fosse um espaço mais próprio para a graduação.

- Como é que funcionava este convênio na base educacional e financeira?

Dra. Graça: Até 1991, antes da municipalização, havia o faturamento do hospital, de acordo com a extensão do MEC-MPAS. Esse dinheiro era repassado do nível federal para Unicamp, onde eram feitas algumas retiradas formais, e era repassado para a Prefeitura Municipal o valor equivalente aos serviços prestados. A partir da municipalização, inverteu-se o caminho financeiro: o município receberia diretamente o pagamento das ações de saúde, e repassava para Unicamp os plantões. A Unicamp não tem resarcimento pelas pessoas orçamentadas lá. Só pelos plantões, dos plantonistas contratados pela Universidade, e que dão plantões no Pronto Socorro do Hospital. No ensino, a grande normatização sempre foi dada pela Universidade. No início, só havia a disciplina de

Medicina Comunitária, de 1976, que se passava apenas no Centro Saúde Escola. A partir de 85/86, o interno começou a participar do hospital com a disciplina de Estágio Multidisciplinar, com uma ampliação da participação dos diversos departamentos, já que inicialmente havia uma participação mais intensa da preventiva e da pediatria.

Com o hospital, houve uma participação mais próxima da cirurgia, desenvolvendo atividades de cirurgia ambulatorial, inclusive com a presença do R2. O objetivo do estágio ser multidisciplinar era fazer um rodízio de coordenação entre os departamentos, mas isso não tem acontecido. Um docente da Pediatria assumiu a coordenação, aí depois houve um rodízio com docente da cirurgia, e agora, voltou para pediatria, que são os dois departamentos mais presentes.

Dra. Sílvia: Tem uma questão que vale a pena ressaltar do ponto de vista do financiamento do ensino. A Universidade não coloca recurso financeiro que não seja através de pessoal, ela não compra material de consumo, e nem tem comprado, a não ser dentro do limite do projeto, equipamentos. Então, essa é a forma de contribuição. Do bolo que a FCM recebe do SUS, ela está gastando 17% com esse nível, fundamentalmente com os funcionários para o hospital. Todo esse gasto de A Universidade com pessoal, representa 10% de tudo o que o município gasta com saúde. Outros 20% é a arrecadação com o faturamento do SUS, e outros 70% é o município que coloca, mantendo o sistema.

- Qual a necessidade de um aluno de medicina entrar em contato com um hospital do tipo secundário?

Dra. Graça: Na verdade eu estenderia, a necessidade é de passar em todos os níveis: primário, secundário e terciário. O mercado de trabalho cada vez mais tem mostrado uma tendência a múltiplas inserções do médico. Tanto levando em conta o setor privado, conveniado e setor público, mas múltiplas inserções do ponto de vista dos níveis de atuação. Tendo em vista isso, a gente acha que seria importante que o interno tivesse uma formação, já prevendo estas múltiplas inserções. Nem que ele, futuramente, numa atividade mais tardia, com mais de 10 ou 15 anos de formado, que ele esteja apenas em um dos níveis, suponhamos que seja um nível terciário de referência, é importante que ele tenha uma experiência de outros níveis para que sua ação seja mais efetiva. Essa é uma perspectiva de tendência internacional mesmo, que a Universidade esteja em contacto com o conjunto das ações de saúde, dando normatização técnica, discutindo ao nível de política de saúde, como é que as várias áreas devem se organizar. O início do projeto de Paulínia foi pioneiro, pois visava organizar uma rede de saúde, e já a época, se pensava numa rede regionalizada, com vários níveis de atenção, em que o hospital, que futuramente seria construído aqui no Campus, seria o hospital de referência. Agora, realmente, as indas e vindas da FCM, fizeram com que Paulínia

se tornasse um projeto um pouquinho isolado, passando a não ser uma coisa assumida pela faculdade como um todo. Essa participação orçamentária que a Sílvia colocou mostra bem isso.

Dra. Sílvia: Tem só uma outra questão do porque os alunos devem estar inseridos no nível primário e secundário. As patologias mais freqüentes na população, aparecem também mais freqüentemente nestes níveis. Então, o aluno teria a disposição essa possibilidade de ver essas patologias com mais freqüência, tendo uma capacitação maior ao final do curso. O que acontece, no Brasil, é que devido a desorganização do sistema de saúde, a gente acaba vendo estas patologias em um hospital terciário, mas isso não deveria para acontecer.

- O Hospital de Paulínia estava suprindo esta necessidade?

Dra. Graça: Eu penso que, do ponto de vista do Centro Saúde Escola, falando inicialmente do nível primário, ele estava suprindo. A participação era principalmente nos ambulatórios gerais, e volta aquela discussão de fazer ambulatórios de saúde geral da mulher e da criança. Quer dizer, aí cabe perguntar: é o momento de quando estar no CAISM, ou no estágio de pediatria daqui, fazer atividades do nível primário? Quer dizer, é Paulínia que está fazendo errado de estar atendendo nível primário ou realmente lá é o local, porque se propôs objetivamente a isso, e aqui, por conta das dificuldades do sistema de saúde é que está se

tentando responder a tudo? Isso gera uma inversão, inclusive do ponto de vista dos gastos. É aquilo que o Dr. Nelson estava brincando: "Matar uma mosca com tiro de canhão". A gente acha que o Hospital das Clínicas deve se voltar para sua vocação primeira. Porque, com isso, você canaliza os recursos para aquilo que é realmente necessário. É fundamental para o interno, para o residente, que o hospital esteja cumprindo sua vocação. Ao mesmo tempo, falando agora do hospital municipal, havia dificuldades mais recentemente de participação dos docentes dos vários departamentos. Então, isso daí se reflete na própria estruturação dos serviços, na possibilidade de discussões mais apropriadas, de uma supervisão mais próxima do aluno, ... os contratados de lá tem se desdobrado nesse sentido. Mas realmente, eles não tem nenhuma valorização da universidade para isso. Eles sequer podem ter carteirinhas da biblioteca. Então, é difícil que você possa exigir dessas pessoas, que elas se desdobrem, se elas são pessoas que tem toda uma responsabilidade assistencial, são solicitadas como uma cobertura docente, e não tem nenhuma contrapartida da universidade. Então, eles tem feito mais até do que a gente imaginaria, porque são especiais, são pessoas em geral, oriundas daqui, que fizeram residência aqui, que tem compromissor tem afeto em relação a Unicamp. A participação docente, como é muito pequena, gera críticas dos alunos que são pertinentes. Mas são críticas que não devem ser

feitas a quem já está lá, elas deveriam ser canalizadas pro grupo, inclusive de pessoas que foram contratadas pro hospital, e que nunca participaram de lá. (Chegada da Dra. Elisete)

Dra. Elisete: O hospital tem um espaço, e tem o paciente. Esse é o potencial que o hospital oferece. Agora, se tem espaço e paciente, precisa realmente fomentar a assistência. Isso você só faz com uma presença maior do docente num período maior de tempo, com uma dedicação mais exclusiva àquele ambiente, àquele espaço, àqueles pacientes em potencial.

- Porque se deixou chegar a uma situação, hoje, em que mais da metade dos alunos do 6º ano, são extremamente revoltados em ter que passar pelo estágio de Paulínia, no HMP? Porque se deixou chegar a esse ponto, já que a faculdade visa a formação do aluno, e este tem que estar satisfeito, para que seu aprendizado seja otimizado? As críticas dos alunos em relação a terem que assumir plantões em que o médico contratado está ausente, ou dormindo, ... tem fundamento ou não?

Dra. Elisete: Olhe, acontece o seguinte, a disciplina não é chefiada por nenhum departamento, tanto é que o nome é estágio multidisciplinar. Isso já dificulta alguma coisa, porquê o corpo responsável pela disciplina, tem que se reportar aos diferentes chefes, dos diferentes departamentos. Então, quando se avaliava o que os

alunos estavam dizendo e escrevendo a respeito da disciplina; eu pessoalmente conversava com o coordenador de área (que faz o intercâmbio FCM-HMP). Agora vinha, em contrapartida, uma reclamação de equipe da técnicos operacionais contratados, de que eles não eram absorvidos pelo departamento, e pela FCM, no sentido de haver um compromisso de enriquecimento técnico destes profissionais. Se de um lado, ele não tem o acolhimento do departamento e de outro ele tem a reclamação do aluno, isso vai gerando uma desmotivação, que vai criando um círculo vicioso. Ele, desmotivado, vai supervisionar menos ainda. Se ele não tem um ganho, e ele não quer um ganho financeiro, nenhum dos professores está aqui pelo ganho financeiro; se ele não tem cientificamente, tecnicamente este retorno, então a coisa, por isso, vai descambando. Eu acho que o erro principal é que a disciplina está muito pulverizada em termos de poder. O departamento tem uma inserção, tem carga horária, mas não tem poder, por exemplo de modificar alguma coisa do estágio.

Se sente que a FCM não tem podido contribuir objetivamente, concretamente, no sentido de solucionar estas questões que estão sendo levantadas, tanto pelos alunos, como pelos profissionais que estão lá. Não é uma desmotivação, um desinteresse dos internos. É uma desmotivação, um desinteresse dos profissionais que atuam lá.

- Porque a Prefeitura resolveu

romper com o convênio?

Dra. Graça: Eu penso que houve uma somatória de fatores, da política local, de interesses políticos pessoais, mas também relacionados a forma de entender modelo assistencial, de entender organização de serviço de saúde. Quando você trabalha só com ambulatório, Centro Saúde, os interesses não são tão explícitos, quando entra hospital na jogada, (o hospital pode gerar lucro), há uma mobilização maior das vaidades, também dos médicos, dos grupos médicos locais. Existe mais margem para ganhos financeiros, para você ter uma expressão política. Possivelmente foi essa situação que levou a ruptura unilateral do convênio. Oficiosamente, o prefeito alega problemas financeiros, que gasta muito pela presença da universidade, porquê ela causa uma certa atração em pessoas de outros municípios, e como existe certa resposta assistencial adequada, então, isso passa a ser chamativo, e ele diz que, com isso, gasta muito. Possivelmente não é isso, o município tem arrecadação grande, ele recusou índices de valorização maiores, de repasses maiores. Então, possivelmente, ele tem aí um modelo, que ele gostaria de fazer de outra forma. A gente, não só tá querendo sair de lá com dignidade, se for inevitável, mantendo inclusive nossos objetivos de ensino, pesquisa, e construção de modelo assistencial em outro lugar, como até gostaríamos de apontar os desvios que, eventualmente, vão ocorrer a médio ou longo prazo, com a saúde na cidade.

- E agora com essa situação, de fim do convênio, quais são as alternativas que estão sendo analisadas para suprir esta deficiência?

Dra. Graça: Alternativas mais delineadas não existem. A universidade foi pêga de surpresa e na verdade não existem idéias. O que existe é uma defesa de princípios, tanto ao nível do ensino, de pesquisa e de assistência. Isso sempre tem sido a discussão, quer dizer, não fazer um convênio, como outras escolas médias fazem, onde os alunos vão lá, e em condição precária, tentam fazer algum ensino.

- É a idéia de construção de um hospital secundário pela Unicamp? Isso é viável ou não?

Dra. Graça: Eu acho, que antes de saber se é viável ou não, é saber se realmente faz sentido a universidade ter seu hospital próprio. Eu penso que no contexto das políticas de saúde, seria conveniente que a universidade pudesse ter parceiros. Começar, cada vez mais, a ser descolado do sistema, ter tudo próprio, passa a não ser uma coisa historicamente compatível, e daqui a pouco ela pode ser atropelada. É inevitável que você tenha parceiros, ao nível federal, estadual ou municipal.

Agora, do ponto de vista estrutural, quer dizer: quem constrói, se tem que ter, aonde teria, acho que toda essa discussão tem que haver, e aí decidir, com que parceria, para uma construção e uma gestão efetiva. Agora, eu não sei, se do ponto de vista da universidade,

se ela tem interesse realmente em ter seu hospital secundário. Agora é uma idéia... uma idéia interessante, outras escolas médias do estado tem seu hospital secundário. Mas, com certeza, uma situação intermediária, de parceria, num hospital já existente, que possa ser melhor equipado e colocado em condições boas para o ensino, é uma possibilidade. De preferência não descolado de uma situação de rede.

- Como é que vai ficar a situação de parte do 6º ano que ainda não passou em Paulínia?

Dra. Graça: O atual 6º ano deve terminar, muito possivelmente até novembro, e a gente espera que sem maiores atropelos. Não vai ser uma situação ideal, porquê ela já não estava existindo. Agora, o futuro 6º ano, que entrará no final deste ano, pra eles a gente ainda não tem uma resposta. A Comissão de Ensino, está se mobilizando no sentido das alternativas. Eu penso que elas não podem surgir de noite pro dia, se não seriam irresponsáveis, mas ao mesmo tempo, também existe uma preocupação que não seja um processo muito longo. Há a necessidade, primeira, de que a universidade se posicione oficialmente, o que ela ainda não fez, para que possam ser feitos contatos com as prefeituras de municípios próximos a Campinas, e comecem a ser delineadas algumas possibilidades. Isso deve sair proximamente.

- Muito obrigado.

Espaço Aberto

PARA CRITICAR É PRECISO PARTICIPAR

Associação Atlética e Acadêmica "ADOLFO LUTZ"

Foi com espanto que lemos no último PATOLÓGICO (Março/Abril de 1994, ano 31, nº 1) o artigo "Um Contra Todos e Não Todos Contra Um" do acadêmico Marcos A. Santos. Mesmo não tendo sido nominalmente citada, a Associação Atlética e Acadêmica "ADOLFO LUTZ" considerada que o referido texto, tendencioso e recheado de meias verdades, atinge frontalmente essa entidade bem como a todos os nossos coligados, motivo pelo qual resolvemos, formalmente, lhe dar uma resposta.

Primeiramente alguns esclarecimentos ao acadêmico Marcos A. Santos e a todos os demais desinformados dessa Faculdade: o que levou a direção da FEF à não concessão de quadras para a realização da INTERANOMED, a criação do maior número possível de obstáculos à cessão de quadras e demais instalações desportivas para realização dos nossos treinos e ao dia de luto durante o qual aquela unidade permaneceu fechada foi a "incursão" do 6º ano àquela Faculdade, em particular, à piscina da FEF, como parte das comemorações do seu último dia de aula.

Acontece que o complexo desportivo onde hoje está instalada a FEF já existia muito antes que essa Faculdade fosse criada e ali fincasse sua bandeira e, talvez por isso, os sextos anos de Medicina - que é mais antiga que a própria UNICAMP - tenham desenvolvido a tradição de incluir, como parte dos festejos do seu último dia de aula, um banho de piscina. A XXVI^a turma, portanto, não fez nada diferente do que havia sido feito por turmas passadas. Isso explica, embora certamente não justifique, o que aconteceu. A Atlética NÃO entra no mérito da questão de como o sexto ano deve comemorar o seu último dia de aula. O importante dessa história e que fique bem claro de uma vez por todas é que A ATLÉTICA NÃO ORGANIZOU, NÃO PATROCINOU E DE MANEIRA ALGUMA FOMENTOU ESSE TIPO DE COMEMORAÇÃO. Sucedeu que a direção da FEF resolveu dar um basta a esse tipo de festa e, incapaz de atingir com toda sua cólera e na extensão desejada a XXVI^a turma, se voltou contra a Atlética como uma maneira de punir todos os alunos da FCM ou, pelo menos, todos aqueles ligados a essa Associação. O acadêmico Marcos A. Santos que imputa a não realização da INTERANOMED ao "pequeno Hitler escondido, uns mais, outros menos, dentro de cada um de nós, acadêmicos da FCM/UNICAMP..." deveria saber que uma das características dos nazistas é se vingar em terceiros quando o objetivo de sua ira lhes escapa das mãos...

Quando a XXVI^a turma "visitou" a FEF o ano passado, estavam ocorrendo alguns jogos do INTERCURSOS. Os diretores da Atlética não pouparam esforços para que esses jogos não fossem prejudicados. Mais do que isso era impossível fazer. Portanto mais alguns esclarecimentos: da mesma maneira que não estimulou a realização desse tipo de comemoração, A ATLÉTICA NÃO TEVE E NÃO TEM O PODER DE IMPEDIR QUE ISSO SE REPITA, primeiro porque a Atlética não tem função policial, segundo porque a festa não é dela e terceiro porque é simplesmente impossível segurar um 6º ano entupido de álcool e felicidade no seu último dia de aula. Se o acadêmico Marcos A. Santos acha que essa é uma tarefa fácil, convido-o a iniciar o seu trabalho catequético esse ano com a XXVII^a turma. Boa Sorte!

Continuando o seu infeliz artigo, o supra citado acadêmico sardonicamente se refere a "... continuarmos a nos vangloriar por um maravilhoso e estonteante quinto e honroso lugar na última INTERMED, quando obtivemos praticamente um terço dos pontos da campeã, a USP". A diretoria da Atlética não pode deixar de estranhar o fato de que um indivíduo que não participa de nenhuma de suas equipes, que não faz nenhum tipo de esporte, enfim, que não colabora em nenhum tipo de atividade seja na condição de atleta, dirigente ou torcedor tenha a CARA DE PAU

de fazer esse tipo de comentário. A única resposta que podemos dar ao sicário Marcos A. Santos (e possíveis asseclas) é que, se ele está tão indignado assim com esse quinto lugar, que DESCOLE A BUNDA DA CADEIRA E VENHA FAZER ALGUMA COISA para que possamos ir um pouco melhor na próxima INTERMED.

Finalmente mais três breves esclarecimentos:

- Primeiro, em 1992 a FCM/UNICAMP estava disputando a Intermedinha; no mesmo ano subimos e fomos o 7º colocado na INTERMED de Mogi-Guaçu e, em 1993, obtivemos a 5ª colocação na INTERMED de Ribeirão Preto. A diretoria da Atlética se alegra muito mais pela evolução observada do que pela colocação em si;

- Segundo, a Atlética não existe por causa da INTERMED e, muito menos, para ficarmos nos comparando com a Pinheiros/USP, apesar de não ser uma má idéia se espelhar nos pontos positivos dos outros. A função da Atlética é promover o esporte dentro da FCM/UNICAMP unindo-nos ao redor de uma atividade salutar e integrando-nos à comunidade e não só a "comunidade" da UNICAMP. Por isso estamos procurando, cada vez mais, levar as nossas equipes a participarem de torneios na região envolvendo clubes, escolas, fábricas, etc;

- Por último, a diretoria da Atlética é aberta a críticas desde que feitas de maneira responsável, construtiva e por pessoas disposta a participar e ajudar a construir algo melhor.

Para criticar é preciso participar!

NOTA: Em seu desafortunado texto o acadêmico Marcos A.Santos escreve: "O último louco a levar adiante idéias de raça superior com relativa repercussão ostentava uma suástica no lado esquerdo do peito..." e, depois, acrescenta "os pequenos Hitlers da FCM passam a sentir orgulho por serem odiados e ostentadores de uma vaga sonhada por mais de cem candidatos em um concorridíssimo e injusto selecionador e seletivo e oligopolizado e etc, etc, vestibular..." Avisamos que o que Hitler ostentava no lado esquerdo do peito NÃO era uma suástica e sim a Cruz de Ferro 1^a Classe, uma alta condecoração militar ganha durante a 1^a Grande Guerra Mundial quando serviu como cabo no Exército Imperial Alemão. Esperamos que em seu próximo artigo o supra citado acadêmico estude um pouco mais a respeito dos assuntos sobre os quais pretende discorrer sob pena de se tornar um exemplo vivo das injustiças do vestibular.

ÉTICA E O PAPEL DO MÉDICO NA SOCIEDADE

Leonardo Fantinato Menegon
(XXX)

Atualmente tem se tornado constante a discussão sobre ética na sociedade brasileira, principalmente decorrente da deterioração de muitos valores

morais individuais, e coletivos, fazendo com que, em muitas situações, prevaleça a lei individual de cada homem.

Apesar de ser citado freqüentemente, talvez este termo continue a possuir um significado muito vago e muitas vezes obscuro. O que é ÉTICA?

Alguns séculos antes de Cristo, na Grécia Antiga, o homem grego desenvolvia a busca de uma estética da existência, ou seja, um referencial estético em que ele se espelhasse e que, através dele, alcançasse o aperfeiçoamento pessoal e político. E foi na observação do universo e da natureza, que revelam tranquilidade, ordem, beleza, serenidade e circularidade, que o homem grego encontrou o modelo referencial para sua dimensão pessoal e política.

Este referencial tem como função direcionar a conduta humana individual e coletiva para a busca do virtuosismo, do bem e da vida justa, em detrimento do mal e das injustiças humanas que são impulsionadas pelo ódio e paixões. Revela-se na ética uma característica de educação da vontade, pela razão, no estabelecimento de um conjunto de normas morais que estabelecem o rumo da conduta humana.

Hoje em dia estas normas encontram-se deterioradas e é por isso que se faz necessário esta discussão sobre ética.

Mas num cenário tão desolador, observado nas cotidianas manchetes de jornais, no estado em que se encontra a saúde, a educação, no descaso

político com a miséria e em outros inúmeros fatos conhecidos por nós, qual o nosso poder para restabelecer o rumo desta nau desgovernada?

Esta pergunta encontra respaldo em duas atitudes, uma no plano pessoal e outra no coletivo, que neste texto estarão mais integradas ao papel do médico na sociedade, mas que se estendem a todos os outros níveis sociais.

A primeira vem da busca de um direcionamento ético individual, que cada um de nós deve buscar através da disciplina que nos leve a ponderar cada atitude do nosso dia-a-dia, visando sempre o bem e a melhoria das condições dos nossos pacientes e das nossas condições de trabalho. A nossa liberdade está em podermos fugir das adversidades que estão ao nosso redor e procurarmos um melhor caminho para nós mesmos.

A segunda atitude é lutar contra o conformismo, é impedir que dentro de nós o absurdo passe a ser normal, que o errado passe a ser considerado certo, que as macas nos corredores passem a ser habituais e não mais nos afrontem, que a falta de condições de trabalhar decentemente passe a ser cotidiana. E também, é denunciar todos os absurdos que fazem parte do nosso dia-a-dia, pois se nos calarmos, teremos, pelo silêncio, consentido com esta brutal situação. Esta denúncia não pode ficar restrita a algumas pessoas, mas tem que encontrar um sustentáculo na união, para que ganhe peso e força.

Portanto hoje, se ainda

quisermos um futuro melhor para nós, tanto como profissionais ou como seres humanos, devemos nos atentar para estas duas atitudes: o questionamento de nossos atos e sua ponderação visando o bem e o inconformismo aliado necessariamente a denúncia coletiva.

“Humanizar a vida é também humanizar o último momento de vida, a morte”
(H. Lepargneur)

Andréia e Priscila XXXI

Desde que a medicina passou a ser “antievolutiva” (como a caracterizava Darwin), e começou a influir no curso e na qualidade de vida do homem, deixamos de atirar deficientes físicos ao Ganges (como faziam os hindus),

ou de jogar sujeitos com doenças incuráveis ao abismo (prática comum entre os bretões) e passamos a dar maior valor à vida individual que ao sacrifício para o “bem comum”, teoria, aliás, contrária a dos sábios Platão e Aristóteles. A partir daí tornou-se difícil, como o é até hoje, determinar os limites de nossa influência no que é natural.

Surge então o conceito de eutanásia como a morte boa, indolor e honrada, conceito, aliás, que, graças às contribuições dos que pregavam

o extermínio de pessoas social e economicamente inábeis ou de tragédias como Hitler, que justificou o holocausto através da eutanásia, tornou-se deturpado e por isto polêmico.

Tanto as eutanásias passivas (suspensão de tratamentos que poderiam alongar em algumas horas ou dias a vida do paciente) como as ativas (execução de práticas altamente arriscadas que podem abreviar a vida do paciente) representam estritamente o alívio da dor. Um médico, ao realizá-la nos dois casos impede que o paciente se sinta ainda mais denegrido, por estancar o sofrimento físico, moral e psíquico gerados pela dependência e vulnerabilidade que o paciente se encontra. É um sinal de respeito já que não se pode negar a alguém o direito do alívio final. Se não houver dor excessiva, mesmo em se tratando de uma doença incurável ou de morte cerebral, a abreviação da vida será suicídio, homicídio ou morte, mas nunca eutanásia.

Se recorressemos à concepção pura desta palavra perceberíamos que é sinônimo de misericórdia. Tanto é assim que as primeiras eutanásias de que se têm notícia foram praticadas na Itália por mães que abreviavam o sofrimento dos próprios filhos. É por isto que nenhum médico pode ser condenado legalmente por sua prática. Exemplificando, citamos caso do Dr. Jack Kevorkian, americano, acusado de ter ajudado um homem (portador da doença de Lou Gehrig) a cometer suicídio, e, no entanto absolvido sob a

argumentação de que, em verdade, ele havia promovido alívio ao sofrimento do doente.

Os médicos, sobretudo os oncologistas, têm o hábito de acelerar a morte com doses extras de morfina, o que se por um lado alivia a dor, por outro desacelera a respiração podendo levar ao óbito. A diferença está no fato em que os oncologistas aceleram o processo em dias ou horas, e o Dr. Kevorkian acelerou esse processo em alguns anos.

É nítido maior interesse público em adquirir mais controle sobre o fim da vida (adaptado do texto “Debate sobre Eutanásia Ganha Força nos EUA”), do jornal “A Folha de São Paulo” dia 08.05.94.

Assim, a discussão legal segundo a professora Cristina von Zuben (docente da bioética) é em verdade uma fuga à discussão sobre o aborto, este sim polêmico e problemático. Ainda segundo ela, mesmo quanto à ética, não há escoriação aos juramentos de Hipócrates e Esculápio, pois trata-se de uma questão de interpretação e, além disso, muitos pontos de tais juramentos já não correspondem mais à noção de moral na prática da medicina moderna, mesmo por uma questão de sua adaptação às novas sociedades.

Em países como os EUA, grupos organizados contam com associados que lutam pela instalação clara da eutanásia. No Brasil, pela própria falta de esclarecimento da população esta prática ainda desperta medos homicidas. As pessoas costumam achar que eutanásia legalizada significa “carta branca” para qualquer

médico matar o paciente quando acharem conveniente. Entre a classe média a situação é ainda mais problemática. Dos 80% que praticam o tipo passivo, nenhum admite praticar o ativo. "Em alguns casos específicos, a ausência da eutanásia não exprime um respeito à vida, mas uma fuga à responsabilidade (Fabre-Luce).

É importante que, como médicos e homens, passemos a ter um conhecimento maior de nossas possibilidades, e de nossas limitações, além de mais domínio sobre nossa noção de onipotência para que possamos distinguir com alguma clareza entre prolongar uma vida ou prolongar uma morte.

Vale deixar alguns pontos claros em relação aos dois tipos de eutanásias. Um médico, ao realizá-la nos dois casos impede que o paciente se sinta ainda mais denegrido, por estancar o sofrimento físico, moral e psíquico gerados pela dependência e vulnerabilidade que o paciente se encontra. É um sinal de respeito, pois acredito que não se pode negar a alguém em tais situações o direito do alívio final.

ERRATA

AO CALOURO BILAU RELATOR PELA XXXII TURMA

JOSÉ ADEMAR et al
R1 OFTALMO

- 1º Calouro não tem experiência;
- 2º Toda turma de calouros é unida até o 2º semestre do 1º ano;
- 3º Não chegou a hora de parar de puxar o saco dos veteranos;
- 4º A única turma que não tem nada pra fazer é a 31^a;
- 5º Calouros devem ser humilhados;
- 6º Passar no vestibular é o mínimo (condição sine qua non) que um calouro tem de fazer para ser calouro, caso contrário continua sendo um "nada" absoluto, isso não quer dizer que ser calouro represente alguma coisa;
- 7º Calouros são palhaços no nosso circo;
- 9º Sim, vocês não podem se rebelar;
- 10º Um gênio não termina um artigo com a frase "é isso aí";
- 11º Parabéns pelo "pau no cu da pucc...", mas "pau no seu cu também!!!"

INFORMATIVO

O CAAL visando o equilíbrio psíquico-emocional e integração social, bem como a boa forma física, prevenção de IAM, HAS, etc, ou seja, estimular a atividade física. E quem sabe até transformar alguns de nossos colegas em trogloditas bossais para defender os demais na INTERMED ou INTERCURSOS, estabeleceu um convênio com Acadêmica "Chris Sports" onde os alunos da Medicina tem um desconto especial mediante a apresentação do crachá ou RA:

- 20% na matrícula
- 15% na mensalidade (ginástica e musculação)
- 10% na mensalidade (natação e hidroginástica)

Vale a pena conferir!